

O Morto-vivo

© 2024 – Conhecimento Editorial Ltda

O Morto-vivo

LÚCIO / MARIA STELLA

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Mariléa de Castro
Margareth Rose Carvalho
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens
ISBN 978-65-5727-178-0

1ª Edição – 2025

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Stella, Maria.

O Morto-vivo / Lúcio; Obra mediúnica ditada pelo espírito Lúcio – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2025.

162 p.

ISBN: 978-65-5727-178-0

1. Literatura espírita . Espiritismo - Mensagens 3.
Obra psicografada I. Título II Stella, Maria

24-5624

CDD – 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance mediúnico

Maria Stella

O MORTO-VIVO

Romance mediúnico
ditado pelo espírito
Lúcio

2025



O lar é a primeira oficina de trabalho para a evolução de nosso espírito.

* * *

Quantos, inconscientes disso, deixam que o egoísmo e as sombras de velhos ressentimentos e inimizades do passado continuem a separá-los dos antigos adversários, reunidos sob novas personalidades, para o reajuste...

* * *

A humildade de espírito, a tolerância e a renúncia, pairando acima do amor-próprio, são os únicos instrumentos que permitem aos espíritos aproveitar esses benditos reencontros para se libertar das algemas enferrujadas que ainda os prendem às sombras terrenas.

* * *

Cultivar esses ressentimentos milenares, que vêm disfarçados de antipatias, diferenças, contrariedades, é desperdiçar a bendita oportunidade que a Lei Maior nos oferece, para nosso próprio bem. Aproveitar os reencontros para construir laços mais amigáveis é sinal de que já conquistamos a sabedoria da vida.

* * *

Todos temos um passado de culpas. Os mais corajosos e fortes conseguem, em menos tempo, numa enfermidade difícil, extravasar para o corpo físico as energias tóxicas do perispírito, acumuladas em múltiplas vidas de desacertos; outros fazem isso lentamente.

Lúcio

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1 – O pregoeiro.....	11
Capítulo 2 – Vovô Simão – a Luz.....	21
Capítulo 3 – O acadêmico.....	34
Capítulo 4 – Ciência e religião	44
Capítulo 5 – Amor à verdade.....	62
Capítulo 6 – Primeiros desenganos	73
Capítulo 7 – Desafio à ciência	86
Capítulo 8 – Voltando ao passado.....	95
Capítulo 9 – Luz e compreensão	120
Capítulo 10 – Um dia abençoado	133
Capítulo 11 – O morto-vivo.....	141
Capítulo 12 – Libertação.....	150
Capítulo 13 – Um novo dia	155

Introdução

Irmãos!

O espírito humano é comumente desviado da nobreza por impulsos incontidos que, fatalmente, geram sofrimentos acerbos, resgates dolorosos, expiações várias, provocando revolta ou submissão, lágrimas ou conformismo, lamúrias ou resignação paciente.

A marcha evolutiva, entretanto, não se detém. Segue lentamente como o rio que avança para o mar. Faz curvas, arrasta-se por vales ou planícies, atravessa fronteiras, encontra pedreiras que o tornam revoltoso, serpenteia por regiões frígidas ou calorosas, ora manso, tranquilo, ora agitado, mas avança sempre, não para. Avança através de todos os obstáculos e atinge a amplidão do oceano.

O espírito humano, por mais delinquente, por mais apegado às sensações do mundo profano, atingirá um dia o grau de maturidade que o fará compreender a inutilidade da inércia, a valorização do tempo e das oportunidades perdidas, a razão do bom e do mau viver. E então, desperto, contornará obstáculos, a exemplo do rio, e caminhará ao encontro da amplitude, para atingir a ascensão e, com ela, a glória do ser iluminado.

Não aguardemos graças, situações privilegiadas, bonanças e venturas imerecidas, nem tampouco esperemos que a dor, somente a dor, nos venha burilar o espírito.

Lições e exemplos nos chegam todos os dias, relembrando o Evangelho de Jesus, suas amorosas palavras e o caminho que conduz à glória imortal. Sabemos de cor as Suas parábolas, aconselhamos amigos a que O sigam, e negligenciamos a nossa parte.

Seja a nossa conduta diária um exemplo aos que jazem na retaguarda. Sejam os vanguardistas nas virtudes, se pretendemos galgar os degraus que nos tirem das provas esmagadoras, que nos ponham acima das misérias humanas. Não sejamos mortos vivos a penar por anos a fio a negligência passada. Aceleremos os passos, partindo ao encontro da luz.

Capítulo 1

O pregoeiro

O relógio da matriz acabava de dar 12 horas, quando Zacarias resolveu voltar ao lar. Saíra cedo, carregado de mercadorias que Etelvina, sua mulher, aprontara na véspera.

Tivera feliz manhã. A criançada, ao ouvir os seus pregões, correu-lhe ao encontro. Os caramelos, as cocadas, os bolinhos desapareceram rapidamente e as moedas tiniram em seus bolsos.

Ao soar a metade do dia, olhou o cesto. Ainda restava alguma coisa, mas a fome se fazia sentir e o céu apresentava sinais de chuva. Tomou o caminho de casa e apressou os passos.

Atravessou a cancela do pequeno jardim e se dirigiu para os fundos da casa. A mulher veio-lhe ao encontro.

– Temi que apanhasses chuva. Vendeste tudo?

– Restou pouca coisa. Estava por demais faminto para esperar um pouco mais.

– Então vem comer; teu prato está pronto.

Zacarias, sentado, com o prato nas mãos, observava os movimentos da esposa.

Media açúcar num prato fundo e ia juntando à abóbora amassada, que estava no tacho. Assoprou o fogão e as labaredas cresceram.

Ele, num gesto automático, olhou as próprias mãos, retorcidas, repuxadas, franzidas e avermelhadas, e soltou um suspiro.

Sentia saudades do tempo em que era são, quando suas mãos podiam executar serviços pesados. Agora era apenas

um colaborador da esposa, e essa situação o deixava humilhado.

* * *

Ele estava bem empregado quando se casou. O salário, sem ser alto, permitiu-lhe comprar a casinha em que viviam. Os filhos foram nascendo: três meninas enriqueciam o lar quando veio ao mundo o menino, tão ardentemente desejado.

Após relutância na escolha do nome, concordou com Etelvina. Seria Dirceu, homenageando a memória de seu pai, que partira do mundo quando ela era pequenina.

Ele, no auge da alegria, fez com as próprias mãos um puxado na casa, aumentando-a para maior conforto da família. Mal o tinha terminado quando houve o acidente, por pouco fatal para todos.

Chovia torrencialmente. Dirceu, desperto, se pôs a chorar, e o pai, ou porque estivesse sonolento, ou agitado pelo aguaceiro que despencava com intensa fúria sob o ribombar dos trovões alarmantes, o certo é que caiu ao acender uma lamparina a querosene e o líquido, entornado, pôs toda a família em perigo de vida. Como doido, gritando desesperado, deixou-se queimar, enquanto a mulher defendia os filhos menores, levando-os para outro aposento.

Ele conseguiu debelar as chamas, evitou que a casa e os pertences incendiassem, mas sofreu queimaduras que o deixaram inativo por longos meses e que lhe impossibilitaram voltar ao emprego.

Dias de intranquilidade, de desespero, se sucederam.^[1] Etelvina atendia os filhos, curava as chagas do marido, cuidava dos afazeres diários e à noite, sob o cansaço de um dia estafante, não conseguia adormecer pensando no futuro, nas contas da farmácia, nos alimentos que escasseavam. E foi sob esses pensamentos que tomou a resolução: faria doces, guloseimas, caramelos, e ela própria os venderia até que ele se restabelecesse.

Nessa noite, ela dormiu tranquila e tão logo rompeu a

[1] Na época, ainda não existia no país legislação trabalhista; portanto nem licença de saúde ou aposentadoria por invalidez. O trabalhador acidentado ficava sem amparo (N.R.).

aurora, ei-la de pé. O último açúcar que tinha em casa, reservado para o leite e o café dos filhos, foi usado para fazer balas de limão, bolinhos de fubá e outras variedades de doces, cujo recurso estava no próprio quintal. Aprontou o almoço mais cedo e só então comunicou ao marido a necessidade de se ausentar, deixando os filhos sob sua guarda.

Etelvina saiu, levando duas cestinhas de palha cobertas com alvos guardanapos.

Ao regressar, tinha um ar feliz.

— Onde andaste? Por que demoraste a fazer compras? Esqueceste das crianças; que Dirceu ainda mama?

— Não, Zaca. Foi por eles e por ti que demorei. Fácil fazer compras, chegar, pedir, pagar, sair. Mas vender, quando não temos freguesia, não é coisa muito fácil.

— Mas o que vendeste? Nada temos que represente algum valor...

— O trabalho de minhas mãos. Não debes te esquecer que eu era doceira na casa do senhor juiz quando te conheci. Tomei todo o açúcar que nos restava e fiz uns doces para vender. Fui para o centro da cidade, a princípio envergonhada, temendo ser presa, mas o pensamento nas crianças deu-me coragem e segui para a entrada do grupo escolar, e aí gritei, anunciei os doces, os bolinhos, os caramelos. As crianças foram chegando, uns compravam um ou dois, outros mais afortunados ou mais gulosos enchiam as mãos. Afinal, ajudada por Deus, que é Pai e não padraço, vendi tudo e trouxe o que precisamos com mais urgência, fora mais açúcar para trabalhar amanhã.

— Minha Etel, como te sou grato! Quanta abnegação, quanta bondade vens tendo, e agora ainda te matas no trabalho, enquanto me conservo na inércia. Mas em breve, se Deus quiser, buscarei trabalho e nossa vida voltará ao ritmo normal.

Os dias e semanas se sucederam e ele se viu livre das ataduras, mas as mãos retorcidas não lhe permitiram voltar ao trabalho habitual. Tomou, então, a si a tarefa de vender os doces; a princípio constrangido, envergonhado, relutando contra a timidez. Depois foi se habituando com o novo modo

de ganhar a vida. As crianças se alvoroçavam à sua passagem, mães lhe distribuíam sorrisos, vizinhos o admiravam, mas ele se sentia humilhado, porque o maior trabalho ainda era da companhia.

Esse retrospecto da vida lhe passara na memória enquanto almoçava. Etelvina tomou o prato vazio e ofereceu-lhe café. Depois, cantarolando, se pôs a mexer o tacho de doce.

– Divina criatura! Que seria de mim se fosse casado com uma mulher vaidosa e fútil? Mas não posso passar a vida vendendo doces; preciso buscar um meio, um trabalho que renda uns cobres; preciso tirá-la desse serviço ingrato e calorento.

Porém não seria tão cedo que alcançaria esse objetivo. Andaria ainda muito, carregando cestas de palha trançada, tabuleiros com doces mais finos, pois a fama de Etelvina crescera e com ela encomendas de doces para festas religiosas, aniversários, casamentos e batizados. As cocadas, as balas, os pés de moleque cederam lugar aos camafeus, aos quindins, aos bom-bocados.

E foi numa entrega de doces que Zacarias sentiu renascer o seu sonho. A família Castelar dava uma festa de despedida. Ia se mudar para a capital federal e não desejava levar os móveis, já um tanto gastos e fora de moda.

Entardecia quando entregou o último tabuleiro. Recebeu o dinheiro por uma empregada e já descia as escadarias da rica vivenda, quando um “psiu, psiu, ô moço” o deteve.

Era o senhor Castelar em pessoa que lhe dirigia a palavra.

– Chamou-me, senhor? Alguma coisa errada? Os doces não estão bons?

– Nada disso, amigo, nem sequer os vi. Escuta: desejo deixar a cidade dentro de dez dias e não consegui vender o mobiliário. Tu, que andas muito, talvez conheças alguém capaz de vir fazer um leilão de tudo que me pertence. Pagarei bem e ainda darei porcentagem a quem conseguir, dentro do menor prazo, me livrar de todas as quinquilharias.

– Eu mesmo poderei ser o leiloeiro, senhor. Minhas mãos são defeituosas, mas tenho boa voz e estou acostumado a me utilizar dela, anunciando doces.

– Mas há uma grande diferença entre vender doces e

fazer um leilão. É muito fácil despertar a atenção da garotada, mas atrair um público, convencê-lo a arrematar peças valiosas ou não, úteis ou de nenhuma utilidade, é empreitada para alguém experiente, e não um leigo...

– Mesmo assim peço sua preferência. Tenho família, senhor. Meus filhos crescem e precisam de mais assistência. Será uma oportunidade... Talvez depois desse leilão surja o emprego que venho procurando desde que fui acidentado – e Zacarias, em poucas palavras, narrou a sua vida dos últimos anos.

– Se é assim, a oportunidade é tua, e espero que tenhas êxito.

Três dias depois, a sala principal da mansão da família Castelar regurgitava de gente. Pessoas pobres e ricas se mesclavam curiosas. A preciosa sala de visitas, em jacarandá negro, trabalhada à mão, foi a primeira e ser arrematada. Um médico, novo no lugar, a adquiriu por alto lance. Zacarias sorriu com o primeiro triunfo e, encorajado, anunciou a sala de jantar.

– Madeira de lei, desenhada especialmente para pessoas de fino trato. Mobília que, sem ser moderna, desafia os tempos, com a beleza do passado.

O primeiro lance foi dado: duzentos mil reis. Outros vieram, e a mobília acabou ficando para um fazendeiro que noivara poucos dias antes. Nesta, o senhor Castelar, se não teve lucro, não teve também prejuízo: foi arrematada pelo mesmo preço por que a adquirira anos atrás. Os dormitórios saíram com real facilidade. Chegou a vez das porcelanas, da prataria antiga, dos aparelhos, dos jarrões. O interesse despertado no mundo feminino cresceu ante a palavra convincente do pregoeiro, e um jarrão de procedência estrangeira foi arrematado pelo triplo do valor.

A noite chegou e o leilão foi interrompido. Zacarias voltou ao lar jubiloso; não levava ainda a recompensa de seu esforço, mas a alma transbordava de novas esperanças. Etelvina o esperava com o jantar pronto. Era aniversário de Dirceu e ela havia preparado pratos variados, dado um toque mágico na casa humilde, de modo que ali também o ar era festivo. Ele entrou, beijou a esposa e os filhos e foi direto a um baú. Abriu e tirou dele um barquinho, feito com casca de palmeira, mas

que primava pelo capricho e gosto na pintura.

– Eu o fiz para ti, meu filho. Gostas tanto de brinquedos e tens tido tão poucos. Mas agora, se Deus quiser, logo terás muitos e comprados nas lojas da cidade.

– Papai, gosto do meu barco, e é só este que eu quero. Mamãe disse que vou para a escola e preciso ter cadernos como as maninhas.

– Oh, meu rapaz, meu homenzinho! Estava me esquecendo de que completas a idade escolar. É isso mesmo, vais aprender a ler, escrever, e um dia serás um doutor.

– Doutor de verdade, doutor que sabe curar mãos queimadas, não é, paizinho?

No dia seguinte, na hora combinada, Zacarias voltou à vivenda Castelar e o leilão foi reiniciado.

A louça, os enfeites, os quadros foram arrematados com extrema facilidade e, ao anoitecer, Zacarias tinha cumprido fielmente o seu encargo. O senhor Castelar o fez esperar para um ajuste de contas. A percentagem mais a parte fixa renderam ao pregoeiro alguns contos de réis.^[2] Ele se despediu, fazendo votos para que o rico senhor e família encontrassem uma vida cheia de venturas na capital.

Ao ganhar a rua, um homem de terno cinzento, que estivera apenas observando o leilão, o abordou:

– O senhor é leiloeiro há muito tempo?

– Não, é a primeira vez que entro nessa empreitada e quero crer que não me saí de todo mal, pelo menos só ficaram na casa alguns trastes velhos que o senhor Castelar vai doar.

– Sabe que o senhor podia ganhar a vida como leiloeiro em algum centro mais adiantado?

– Oxalá pudesse! Tenho mulher e filhos para sustentar e a eles gostaria de dar a educação que não recebi. Mas a vida me foi adversa. Um acidente com fogo inutilizou minhas mãos e passei a ser apenas um colaborador de minha mulher, que faz doces. Depois que perdi o emprego, este leilão foi uma dádiva, dando-me ensejo de ganhar alguns cobres.

– Pois se estiver interessado em fazer-se leiloeiro, procure-me no Hotel Central. Meu nome é Luzzar e pretendo ficar na

[2] O que se diria hoje “alguns mil reais” (N.R.).

cidade até o fim da semana. Podemos mesmo discutir o assunto sem nenhum compromisso. Agradei-me de sua voz, de sua palavra convincente, e talvez possamos fazer um acordo.

– Se é assim, pode me esperar amanhã.

Despediram-se e cada um tomou seu rumo. Zacarias esperançoso e Luzzar meditativo. Não estaria se arriscando demais? E se o público tivesse aversão por aquelas mãos retorcidas? Mas, num leilão, o principal era a voz e o poder de persuasão. A voz era cristalina, a dicção era boa...

Zacarias esperou que os filhos dormissem para confeccionar com a mulher. Seu entusiasmo não encontrou muito eco no coração de Etelvina, que, receosa, temia que o companheiro se deixasse convencer por vantagens fictícias. Mas ele soube convencê-la, e no dia seguinte, de manhã, se dirigiu ao hotel onde Luzzar se hospedava.

A conversa não demorou mais que uma hora, e Zacarias se despediu carregando dentro de si uma infinita alegria. Após tantos anos de espera, estava finalmente colocado. Ia fazer da sua voz uma profissão e agora não mais importava que as mãos fossem ressequidas. Mentalmente agradecia a André, o senhor que o criara e que o obrigara a estudar além do curso primário. Divagando, percorreu as ruas e ao entrar em casa deu asas a sua alegria.

– Etel, Etel querida, agora não vais ficar mais à beira do fogão por horas a fio. O que vou ganhar dará para nosso sustento e para a educação de nossos filhos. Oh, Etel, Deus é bom e ouviu os nossos rogos! Eu já não me continha mais de humilhação.

– Confesso que também estou satisfeita. Mas qual foi a proposta que ele te fez?

– Bem, não continuaremos aqui em Piracicaba: não há campo para meu novo ofício. O senhor Luzzar é representante de uma grande firma da capital, que constantemente faz leilão de material que permanece em estoque. Esses leilões abrangem três cidades: São Paulo, Jundiaí e Campinas. O meu setor será nessas duas últimas. Como salário inicial receberei um conto de réis e comissões. E devemos cuidar logo de nossa mudança.

– É uma soma preciosa, mas... e se não nos dermos bem? Aqui temos nossa casinha... é pequena e modesta, mas é nossa.

– Ora, isso não é problema! Ela vale bem uns quinze contos; o próprio compadre Malaquias tem interesse nela. Mais tarde compraremos outra. Vamos tratar de encaixotar tudo. Eu irei na frente, para alugar uma, provisoriamente.

Alguns dias depois, Zacarias embarcou para Campinas, deixando a família em casa de parentes. E não demorou a ir buscá-la.

* * *

Nas proximidades do mercado, numa rua estreita, uma mulher ainda nova limpava uma janela quando um ancião se aproximou, pedindo uma esmola.

– Não dou esmola a vagabundo. Se tivesse trabalhado na mocidade, hoje teria o que comer.

O velho tirou do bolso um lenço roto e enxugou uma lágrima. Um pouco indeciso, avançou até outra casa, onde um garoto, sentado no batente, brincava com um barco feito com casca de madeira.

– Tua mãe está em casa, meu pequeno?

– Está sim, vovô. Eu sei, o senhor quer esmola; ouvi quando aquela dona gritou com o senhor. A mamãe não grita não. Ela é muito boa. Lá em Piracicaba todos gostavam dela.

– Tens uma boa prosa. Como te chamas?

– Dirceu, e tenho três irmãs mais velhas do que eu e uma mais moça. Sou o único homem, e quando crescer quero ser doutor para curar o papai; ele tem as mãos queimadas.

– Dirceu! – gritou uma voz. – Com quem estás falando? Está na hora de entrar, meu filho.

– Já vou, mamãe, mas aqui tem um velhinho que precisa de nós.

O ancião sorriu com aquele compenetrado “precisa de nós”.

– Venha, vovô, vamos entrar! Lá dentro o senhor vai comer alguma coisa – e tomando a mão do velho, Dirceu fez com que ele subisse os três degraus que davam num comprido corredor. No fundo, uma sala de refeições.

– O senhor pode se sentar. Mamãe está na cozinha e já vem.

– Mãezinha, temos visitas.

Etelvina entrou na sala e, num sorriso, estendeu a mão ao recém-chegado.

– Senhora, seu filho é a criança mais encantadora que já vi, e olhe que sou velho, setenta anos.

– Ele está pedindo esmola, mamãe, e a dona aí do lado, aquela de cabelo vermelho, não lhe deu nada e ainda zangou com ele.

– Meu velho, não somos ricos, mas sempre temos para socorrer os que têm menos. Vou lhe arranjar um prato de comida – e Etelvina se dirigiu à cozinha.

– Como se chama o senhor?

– Meu nome é Simão, mas gosto que me chame de vovô, como ainda há pouco...

– O senhor tem casa? Não tem mãe?

– Não, meu filho. Minha mãe morreu há muitos anos, e casa, tive mas perdi. Quando Isolina, minha mulher, adoeceu, vendi tudo, na ânsia de curá-la. Mas não mereci essa graça, e ela se foi, após longo sofrimento.

Etelvina entrou com o prato de comida. O velho continuou:

– Nessa altura, eu já não tinha dinheiro nem para o enterro, e ela foi para a cova dos indigentes, sem uma cruz sequer. Eu já estava velho, 65 anos, mas ainda trabalhava. Quando Isolina adoeceu, deixei o emprego e não consegui outro. Hoje moro no asilo, mas nem sempre somos bem tratados; por vezes, precisamos pedir, embora isso nos humilhe.

– O que é asilo, hein, vovô?

Simão explicou o que era, e o que representava, socialmente falando.

Acabara a refeição e, não querendo abusar da hospitalidade, tomou o chapéu bastante surrado e se despediu.

– Espero que volte a nossa casa, senhor; será sempre bem recebido e é bom que venha outras vezes. Somos estranhos na cidade e o senhor nos falará dos usos e costumes.

– Voltarei, e até lá, que Deus a guarde e a todos os seus, e que lhes dê em dobro o que hoje recebi nesta casa. Há tempos não recebia tanto carinho.

* * *

Dois anos depois, a posição de Zacarias estava consolidada. Tivera bom aumento de salário, e com as percentagens recebidas, pôde comprar uma casa bem maior que aquela, num ponto melhor.

A pedido de Dirceu, o velho Simão, que se tornou grande amigo e conselheiro da família, teve um quarto ao seu dispor, recebendo ainda todo o afeto que seu generoso coração soube aos poucos conquistar.

Zacarias, agora bastante conhecido, sorria com o título de leiloeiro oficial. Achava-o pomposo demais, e queria continuar sendo o “pregoeiro”, como lhe chamavam na terra natal. Como pregoeiro vendera doces nos dias de miséria, e conquistara um lugar ao sol, dando à família o conforto com que sempre sonhara. E durante toda a vida, a sua prece de agradecimento começava sempre: “Eu, humilde pregoeiro, agradeço ao Pai os dias tristes e nublados do passado, os dias claros e felizes que vivemos no presente”.